

PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE DO SUDESTE BRASILEIRO

Prevalence of breastfeeding in a middle-sized city in southeastern Brazil

Vivianne W. Afonso¹; Luiz Cláudio Ribeiro²; Marcio José M. Alves³;
Maria Teresa Bustamante Teixeira⁴; Sulamis Dain⁵

RESUMO

Este artigo teve como objetivo principal apresentar o diagnóstico da situação do aleitamento materno e do uso de chupeta e mamadeira por crianças menores de um ano, residentes em Juiz de Fora (MG). Foi utilizado inquérito transversal realizado na Campanha Nacional de Vacinação do referido município em 2002, tendo sido entrevistadas 1859 pessoas. Verificou-se que, em Juiz de Fora, 92,8% das crianças amamentavam no primeiro dia em casa. As taxas de Aleitamento Materno Exclusivo até os 4 meses de idade foram de 20,8% e, até os 6 meses, de 15,7%. A taxa de Alimentação Complementar Oportuna foi de 43,8% e a de Aleitamento até 12 meses foi de 55,9%. O índice de uso de chupeta até os 12 meses foi de 65,8% e o de mamadeira até a mesma idade foi de 70%. Foi observado que, embora 92,8% das crianças iniciem a amamentação no primeiro dia de vida em casa, este índice não se mantém. As taxas de aleitamento materno exclusivo aos 4 e 6 meses de idade (20,8% e 15,7%, respectivamente) e de aleitamento materno até um ano (56%), são baixas e muito aquém do que recomenda a OMS. A taxa de Aleitamento Materno Exclusivo aos 4 meses é inferior às taxas de todas capitais brasileiras, com exceção de Cuiabá. Esta situação indica a necessidade urgente de programas de apoio e incentivo à amamentação, bem como da promoção da mesma no município.

PALAVRAS-CHAVE: Aleitamento Materno. Leite Humano. Inquérito Nutricional. Prevalência.

ABSTRACT

This work aimed to diagnose the standard of breastfeeding and the use of pacifiers and baby-bottles of children under one year of age, living in Juiz de Fora, MG, Brazil. The methodology used was a cross-sectional survey of 1859 subjects, undertaken during a National Immunization Campaign, in 2002. 92.8% of the children started breastfeeding on their first day of life, at home. 20.8% were exclusively breastfed in the first four months of life, and 15.7% in the first six months. The complementary feeding rate was 43.8% and the breastfeeding rate at 12 months was 56%. At 12 months, 65.8% used pacifiers, and 70% used baby-bottles. We concluded that most children started breastfeeding on their first day of life, at home (92.8%), although this rate declined steadily (56% at 12 months). Exclusive breastfeeding rates in the first four and six months of life (20.8% and 15.7%, respectively) and breastfeeding rate at one year (56%), were extremely low and failed to live up to WHO's guidelines. Exclusive Breastfeeding rate at four months of life was lower than that of all Brazilian capitals, except Cuiabá. This situation calls for the urgent implementation of programs aimed at supporting and promoting breastfeeding in the city.

KEY WORDS: Breast Feeding. Milk, Human. Nutritional Survey. Prevalence.

¹ Pediatra do Ministério da Saúde. Professora Adjunta do Departamento Materno Infantil da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Endereço: Rua Santos Dumont, 401 apto 401, Granbery, Juiz de Fora - MG. cep: 36.010.510, e-mail: vwafonso@yahoo.com.br

² Professor Adjunto do Departamento de Estatística do Instituto de Ciências Exatas da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e em Serviço Social da UFJF. Pesquisador do LEES e do NATES / UFJF. Email: luiz.claudio@ufjf.edu.br

³ Professor Adjunto do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade federal de Juiz de Fora. Doutor pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: kiko_jf@yahoo.com

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da Universidade Federal de Juiz de Fora. Coordenadora do Mestrado em Saúde Coletiva da UFJF, Pesquisadora do NATES / UFJF e orientadora do Mestrado e Doutorado em Saúde Brasileira da UFJF. Email: mariateresa.bustamante@ufjf.edu.br

⁵ Professora Titular do Instituto de Medicina Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Econômicas pela Universidade de Campinas, São Paulo. Email: suldain@iis.com.br

INTRODUÇÃO

O aleitamento materno é uma ação estratégica no cenário das políticas públicas que visam reduzir a desnutrição e a mortalidade infantil, segundo os órgãos formuladores destas políticas (ALMEIDA, 1999; UNICEF, 1996; UNICEF, 1998a; UNICEF, 1998b; BRASIL, 2002).

A Organização Mundial de Saúde recomenda o aleitamento materno exclusivo (AME) até os 6 meses de vida, e a manutenção da amamentação complementada, até os dois anos de idade ou mais (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE-OMS, 2001). Entretanto, é observado que, apesar de ser sistematicamente enaltecido e recomendado, o aleitamento materno está longe de ser uma prática universal. Pelo contrário, o desmame precoce, especialmente nos grupos menos favorecidos, assume características de importante problema de saúde pública (BRASIL, 2001).

O município de Juiz de Fora se localiza na Zona da Mata do estado de Minas Gerais, constituindo-se na cidade pólo dessa região. Possui uma localização estratégica distando 170 Km da cidade do Rio de Janeiro, 252 Km de Belo Horizonte, 507 Km de São Paulo e 1003 Km de Brasília. Em 2000, apresentava uma população de 456.796 habitantes, com 99,17% em área urbana, sendo 6679 menores de 1 ano de idade (IBGE, 2000). Nesse mesmo ano, o coeficiente de mortalidade infantil foi de 23,3 por 1.000 nascidos vivos e vem diminuindo progressivamente, atingindo 20,1 por mil nascidos vivos em 2002. Setenta e um por cento deste número corresponde à mortalidade neonatal (JUIZ DE FORA, 2003).

Segundo levantamento realizado pelos autores deste artigo, em Juiz de Fora, inexistiam dados de abrangência municipal que diagnosticassem a situação do aleitamento materno e dos hábitos alimentares em crianças. Isto dificultava uma adequada avaliação das ações e políticas de saúde no município, no que concerne à importante questão da alimentação infantil.

Assim sendo, o objetivo principal do estudo a que se refere este artigo foi o diagnóstico da situação do aleitamento materno e do uso de chupeta e mamadeira por crianças menores de um ano, residentes em Juiz de Fora (MG), o que permitiu situar o município de Juiz de Fora no cenário nacional em relação à alimentação infantil.

A maioria das ações de apoio e incentivo ao aleitamento no município de Juiz de Fora é coordenada pelo Banco de Leite Humano, um dos oito Centros de Referência Nacional em Lactação. Entre essas ações, destaca-se a organização da Semana Mundial da Amamentação (OMS/UNICEF) e do Dia Municipal do Aleitamento, havendo, até o momento,

um “Hospital Amigo da Criança” (OMS, 1993) no município. O Programa de Saúde da Família exerce também ação de destaque no município em promoção e estímulo ao aleitamento, de acordo com as ações pactuadas para redução das mortalidades materna e infantil (BRASIL, 2004).

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de prevalência de base populacional realizado durante a segunda etapa da campanha de vacinação no município de Juiz de Fora, no período de 10 de agosto a 13 de setembro de 2002. Foram entrevistadas 1913 pessoas, entre mães e responsáveis pelas crianças menores de um ano. O protocolo de investigação foi elaborado de acordo com a Resolução 196 / 96 do Conselho Nacional de Saúde/ Ministério da Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.

Dos 1913 questionários respondidos, 1859 foram utilizados na análise sendo que 85,9% destes foram respondidos pelas mães, conferindo maior confiabilidade aos dados. Foram excluídos 13 questionários de crianças fora da faixa etária e 41 registros duplicados.

Do total de 1859 crianças estudadas, a maioria (96,9%) nasceu em Juiz de Fora; 1852 residiam na área urbana, o que equivale a 99,6%. Esta proporção é aproximadamente a mesma verificada no município, onde segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 99,17% da população localizam-se em área urbana (IBGE, 2000).

O inquérito utilizou a metodologia do estudo multicêntrico denominado “Avaliação das práticas alimentares no primeiro ano de vida em dias nacionais de vacinação” (AMAMUNIC). O processo de amostragem foi por conglomerados de tamanho fixo de 2000 crianças sendo que os conglomerados foram formados pelos postos de vacinação. Com essa amostra, esperava-se obter, pelo menos, 600 crianças menores de 4 meses (KITOKO *et al.*, 2000), o que foi prontamente alcançado no estudo, pois o número de crianças menores de 4 meses obtido foi de 625.

A estimativa da população-alvo foi baseada na listagem fornecida pela Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de Juiz de Fora sobre o número de postos de vacinação e de crianças menores de um ano vacinadas por posto, durante a segunda etapa de vacinação de 2001. De acordo com o relatório dessa campanha, a cobertura vacinal da segunda etapa do ano de 2001 foi de 95,4 % (JUIZ DE FORA, 2001).

Considerando que os postos de vacinação apresentaram diferentes tamanhos (número de crianças), adotou-se o

sorteio em dois estágios, com probabilidade proporcional ao tamanho dos conglomerados, mantendo-se assim a autponderação da amostra. No primeiro estágio, procedeu-se ao sorteio sistemático dos postos de vacinação e, num segundo estágio, das crianças de cada posto sorteado. Assim foram selecionados 24 postos de vacinação de zonas rural e urbana, sorteados de um total de 118 postos existentes no município.

Foram estudadas variáveis relativas à **criança** (data de nascimento, sexo, condições de parto, serviço de saúde utilizado, alimentação e hábitos nas últimas 24 horas) e à **mãe** (idade, escolaridade, paridade, trabalho fora do lar, pré-natal, licença maternidade), coletadas através de um questionário estruturado e pré-testado, adaptado de Venâncio e Monteiro (1998), por 228 entrevistadores previamente treinados. Os indicadores das práticas de alimentação infantil (aleitamento materno) utilizados foram os preconizados pela Organização Mundial de Saúde (1992), que se baseia em informações alimentares nas 24 horas imediatamente anteriores à coleta de dados.

Os formulários preenchidos foram digitados em programa desenvolvido pelo projeto AMAMUNIC (base *access*) e analisados pelo EPI INFO 6.0 (DEAN, 1990). Visando a identificação de questionários duplicados, foi realizada a comparação do banco de dados com o Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC). Esta comparação foi realizada de forma determinística equiparando-se cada questionário com os dados do arquivo eletrônico do SINASC do município de Juiz de Fora. Para esta correlação, foram utilizadas referências dos questionários como data de nascimento e sexo da criança, nome da mãe e o que fosse necessário para a identificação correta de cada criança.

Após a verificação de consistência e correção do banco de dados, foram calculadas as prevalências de amamentação (exclusiva, predominante, completa, complementar oportuna e total) e uso de chupeta e mamadeira em crianças menores de um ano.

RESULTADOS

Do total de 1859 crianças estudadas, a maioria (96,9%) nasceu em Juiz de Fora; 1852 residiam na área urbana, o que equivale a 99,6%. Os postos de vacinação sorteados foram compostos de 10 Unidades Básicas de Saúde, 9 Unidades de Saúde da Família e 5 postos de vacinação temporários.

A faixa etária materna de maior frequência (71,4%) foi de 20 a 35 anos; a faixa de menores de 20 anos correspondeu a 15,5%. Quanto à escolaridade, predominou o primeiro grau incompleto 42,7%, tendo sido o índice

de alfabetização de 97,2%. Quanto ao tipo de trabalho atual, 58,9% informaram ser donas de casa. A cobertura de assistência pré-natal foi de 87,1%, com número médio de 7,28 consultas (DP: 3,29). Constatou-se que 47,5% dos partos foram cirúrgicos e que 44,9% do total das mães eram primíparas.

No que tange à assistência à saúde das crianças, foi verificado que 27% eram assistidas em Unidades de Saúde da Família; 37,9%, em Unidades Básicas de Saúde tradicionais e que 35,1% utilizavam serviços privados. Quanto à ocorrência de internação hospitalar infantil, observou-se que 11,1% das crianças foram internadas uma vez; 1,1% o foram duas vezes, e que houve mais de duas internações em 0,8% das crianças pesquisadas. Verificou-se que 9,6% das crianças apresentavam peso ao nascer menor de 2.500g.

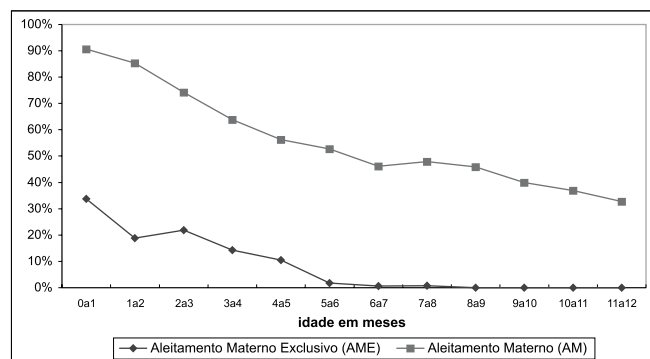


Gráfico 1 - Indicadores de amamentação. Juiz de Fora, 2002.

A prevalência de amamentação em crianças de zero a 30 dias, foi de 90,7%; do 5º ao 6º mês de idade, 52,7% e de 11 a 12 meses, 32,7%. Considera-se Aleitamento Materno Exclusivo (AME), a alimentação com leite materno sem qualquer outro líquido, exceto vitaminas, suplementos minerais e medicamentos. Na presente pesquisa, observou-se uma frequência de AME de 33,8%, do nascimento ao primeiro mês e 1,8% do quinto ao sexto mês (Gráfico 1).

Também foi verificado que, das crianças com menos de 4 meses de idade, no 1º dia em casa, e que permaneceram até 4 dias no hospital após o nascimento, 92,8% amamentavam e 19,4% já utilizavam outro tipo de leite que não o materno; 9% usavam água pura e 0,5% com açúcar; 17,9% faziam uso de chá.

Foi possível constatar que, em crianças menores de 4 meses de idade (Tabela 1), 20,8% destas estavam em Aleitamento Materno Exclusivo e 24,5% recebiam líquidos como chá, água pura ou açucarada além do leite materno, correspondendo à Taxa de Aleitamento Materno Predominante- AMP. Portanto, 45,3% das crianças estavam em em Aleitamento Materno Completo, que compreende o

Tabela 1 - Distribuição de crianças quanto ao tipo de aleitamento, uso de chupeta e mamadeira. Juiz de Fora, MG, 2002.

Idade, tipo de aleitamento, uso de chupeta e mamadeira			
IDADE	N	%	IC 95%
Menor de 4 meses (n = 625)			
Aleitamento Materno Exclusivo	130	20,8	16,0-25,6
Aleitamento Materno Predominante	153	24,5	19,4-29,5
Aleitamento Materno Completo	283	45,3	39,4-51,1
Menor de 6 meses (n = 940)			
Aleitamento Materno Exclusivo	148	15,7	12,2-19,2
Aleitamento Materno Predominante	178	18,9	15,2-22,7
Aleitamento Materno Completo	326	36,6	30,1-39,2
Menor de 12 meses (n = 1854)			
Aleitamento	1039	56,0	52,6-59,4
Chupeta	1220	65,8	62,6-69,0
Mamadeira	1297	70,0	66,8-73,1

*Alimentação no primeiro dia em casa, em crianças menores de 4 meses

somatório das taxas de Aleitamento Materno Exclusivo e Aleitamento Materno Predominante.

No primeiro semestre de vida, 15,7% do total das crianças estavam em Aleitamento Materno Exclusivo e 36,6% em Aleitamento Materno Completo, concluindo-se que 18,9% dessas últimas recebiam outros líquidos, não-lácteos, além do leite materno (AMP). E, até os 12 meses de idade, foi verificado que 56% do total das crianças estavam em aleitamento.

Das 608 crianças de 6 a 9 meses e 29 dias estudadas, 43,8% (266 crianças) estavam sendo amamentadas e recebendo oportunamente complementos alimentares, o que é chamado de Alimentação Complementar Oportuna (ACO). E destas crianças em ACO, 69,9% usavam sopa com carne, 66,4% comida com carne e 97,5% se alimentavam com feijão.

Verificou-se, também, neste trabalho, que 65,8% das crianças usavam chupeta e 70%, mamadeira para qualquer alimento lácteo ou não (Tabela 1).

DISCUSSÃO

A realização do diagnóstico da situação do aleitamento concomitante à campanha de multivacinação mostrou-se adequada e viável. A cobertura vacinal na população menor de um ano foi de 90%, apropriada, portanto, ao estudo realizado (JUIZ DE FORA, 2002).

Quanto à situação da população materno-infantil pesquisada, é interessante observar a alta frequência de mães adolescentes no município, dados estes detectados tanto pelo SINASC, desde sua implantação em 1995, com pequena oscilação ano a ano, quanto pelo censo

demográfico brasileiro. A gravidez precoce merece destaque por suas complicações, tanto nas questões relacionadas à saúde do binômio mãe/filho e ao maior risco na gravidez, quanto naquelas referentes a fatores sociais e econômicos por interferirem no processo educacional e intelectual, na qualificação e inserção no mercado de trabalho da mãe adolescente (BRASIL, 2004).

A cobertura do pré-natal verificada no município é alta (87,1%), mas, apesar disto, os índices de cesariana (47,5%) e de recém nascidos de baixo peso ao nascimento - menos de 2500g - (9,6%) estão fora dos limites estabelecidos. A Organização Mundial da Saúde considera aceitável até 6% de recém nascidos com baixo peso ao nascimento (BRASIL, 2003) e taxa máxima de 15% de parto cesariano (BRASIL, 2004). Por outro lado, convenções internacionais estabelecem que a proporção de recém nascidos de baixo peso não deva ultrapassar 10%, sendo um dos indicadores das Ações Pactuadas no Sistema Único de Saúde (BRASIL, 2003). Este fato conduz a um questionamento inicial acerca da qualidade do pré-natal prestado à população juiz-forana, já que este acompanhamento especializado é um dos principais responsáveis pela boa condução da gestação e do parto, assim como do nascimento de um conceito saudável. Pesquisa realizada por Coutinho (2002) revelou a baixa adequação desta assistência no município juiz-forano (1,1%), confirmando a suspeita da qualidade do pré-natal não ser a indicada.

Quadro 1 - Indicadores de amamentação nas capitais e DF, 1999* e em Juiz de Fora, MG, 2002.

Faixa etária (meses)	Amamentação Exclusiva Brasil	Amamentação Exclusiva Juiz de Fora	Amamentação Brasil	Amamentação Juiz de Fora
0 - 1	53,1	33,8	88	90,7
1 - 2	41,4	18,8	85,7	85,3
2 - 3	30,6	21,9	83	74,2
3 - 4	21,6	14,3	80,1	63,9
4 - 5	14,7	10,5	76,7	56,2
5 - 6	9,7	1,8	72,9	52,7

*Fonte: Brasil: Pesquisa de Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais Brasileiras e DF, 2001

A comparação dos dados da pesquisa de Juiz de Fora com os do Estudo da Prevalência de Aleitamento Materno nas capitais e Distrito Federal (BRASIL, 2001) (Quadro 1) mostra que a porcentagem das crianças amamentadas de zero a dois meses de idade é semelhante. Há uma queda acentuada da amamentação no primeiro semestre de vida nos dois estudos, sendo que, em Juiz de Fora, é mais pronunciada. Em relação ao Aleitamento Materno Exclusivo, Juiz de Fora mostra índices inferiores aos nacionais desde

o primeiro mês de vida (Quadro 1). Tais indicadores reforçam a necessidade de ações para restabelecimento da

prática da amamentação no Brasil e, especialmente, neste município.

Quadro 2 - Comparação da prevalência do aleitamento materno exclusivo (AME), completo (AMC), alimentação complementar oportuna (ACO) aleitamento materno (AM), uso de chupeta, uso de mamadeira em seis estudos brasileiros*.

Local	Ano	Amostra	Idade crianças	AME % < 4 m < 6 m	AMC % < 4 m < 6 m	ACO%	AM % < 12 m	Chupeta % < 12 m	Mamadeira % < 12 m
Feira de Santana - BA	1996	3898	<2 anos	45,6 36,9	60,7 51,5	43,7	45,4 (12-15 m)	56,8	59,1 (12-15 m)
Florianópolis - SC	1997	990	<1 ano	46,3	64,5	32,2	59,4	—	61,4
João Pessoa - PB	1997	9801	<1 ano	23,9	41,1	24,8	50,7	—	77,6
Campinas - SP	2001	7084	<2 anos	— 38,1	— 58,1	—	54,9	—	—
Brasil, capitais, DF	1999	8.845	<1 ano	35,6	—	48,9	67 t	52,9	62,8
Juiz de Fora - MG	2002	1868	<1 ano	20,8 15,7	45,1 34,6	43,9	56	65,8	70

Fontes: KITOKO et al, 2000; VIEIRA et al, 1998; CAMILO et al, 2004; BRASIL, 2001.

*estudos transversais, inquéritos recordatórios 24 h, nos postos de vacinação, em Dia Nacional de Vacinação.

t taxa calculada a partir de dados disponíveis.

Rea (1998) ressalta que o indicador mais adequado a ser utilizado em países em desenvolvimento é a taxa de Aleitamento Materno Exclusivo em crianças com menos de 4 meses de vida que, segundo a OMS (Organização Mundial de saúde), é ideal ocorrer em 100% das crianças. Entretanto, o Brasil está longe deste valor ideal: na pesquisa acerca da Prevalência de Aleitamento Materno nas Capitais e Distrito Federal (BRASIL, 2001), esta proporção foi de 35,6%. Em Juiz de Fora, foi de 20,8% em crianças menores de 4 meses, inferior ao resultado de todas as capitais brasileiras estudadas, com exceção de Cuiabá. (BRASIL, 2001). Também foi inferior aos índices das cidades de Feira de Santana (VIEIRA *et al.*, 1998), Florianópolis e João Pessoa (KITOKO *et al.*, 2000), em estudos que utilizaram a mesma metodologia (Quadro 2).

A prevalência de Aleitamento Materno Completo nos menores de 4 meses encontrada em Juiz de Fora foi de 45,3% (Quadro 2), representando, aproximadamente, o dobro da prevalência de Aleitamento Materno Exclusivo nessa mesma faixa etária, mostrando a alta frequência da introdução desnecessária e precoce de água e chás na alimentação natural. Já nos municípios de Feira de Santana (VIEIRA *et al.*, 1998) e Florianópolis (KITOKO *et al.*, 2000), onde a prevalência de Aleitamento Materno Completo até os 4 meses foi bem maior do que a de Juiz de Fora, a diferença entre a frequência de Aleitamento Materno Completo e Aleitamento Materno Exclusivo em relação à mesma faixa etária foi de 25,1% e 18,2%, respectivamente,

bem menor que a de Juiz de Fora, mostrando que o hábito de introdução precoce de líquidos foi menos freqüente naqueles municípios.

A prevalência de Aleitamento Materno Exclusivo e Aleitamento Materno Completo aos 6 meses de idade encontrada para Juiz de Fora foi inferior aos índices dos municípios de Feira de Santana (VIEIRA *et al.*, 1998) e de Campinas (CAMILO *et al.*, 2004). Quanto ao uso de Alimentação Complementar Oportuna, Juiz de Fora mostra prevalência de 43,8%, inferior à taxa nacional de 48,9% e à taxa referente à região Sudeste de 45,4%. Comparando com as capitais do Sudeste, Juiz de Fora mostra resultado superior a São Paulo (38,5%) e Belo Horizonte (43,3%) e inferior a Vitória (52,5%) (BRASIL, 2001). Foi também superior aos municípios de Feira de Santana, Florianópolis e João Pessoa (Quadro 2).

A prevalência do aleitamento materno até os 12 meses, em Juiz de Fora, foi inferior ao da média das capitais brasileiras e Distrito Federal assim como ao resultado encontrado no estudo de Florianópolis e superior aos estudos de Campinas e João Pessoa (Quadro 2).

O uso de chupeta em 65,8% crianças menores de 12 meses de idade e, de mamadeira, em 70% delas, mostra alta prevalência destas práticas em nosso meio. Estes dois hábitos são importantes fatores de desmame por interferirem na dinâmica correta da amamentação além de expor a criança ao risco de doenças infecciosas e parasitárias, má oclusão dentária, dentre outros problemas. A prevalência nacional

foi de 52,9% para uso de chupeta e 62,8% para o de mamadeira, sendo que Maceió se destaca pelo maior número de crianças em uso de mamadeira aos 12 meses (75,5%) e Porto Alegre, no uso de chupeta (69,2%), também até os 12 meses. É interessante relatar que as menores durações de aleitamento materno no país dão-se, justamente, em Maceió (172 dias) e Porto Alegre (193,5 dias), (BRASIL, 2001), confirmando a interferência destes hábitos na ocorrência da amamentação.

Em Feira de Santana (VIEIRA et al., 1998), os índices de uso de chupeta e de mamadeira até os 12 meses foram menores que os de Juiz de Fora. Já nas cidades de Florianópolis e João Pessoa (KITOKO *et al.*, 2000), tais taxas revelaram-se tão altas quanto às do município em estudo.

Avaliando a situação do aleitamento materno em Juiz de Fora, segundo a faixa etária, (Gráfico 1), pode-se verificar uma queda acentuada da amamentação dos primeiros dias de vida até o final do 1º ano, situação esta também observada nos outros estudos. Verifica-se uma diminuição contínua de todas as porcentagens de amamentação, tanto da amamentação exclusiva como da amamentação em geral.

Destaca-se a queda importante da amamentação do primeiro dia em casa até os 12 meses de idade e do aleitamento materno completo do 4º mês para o 6º mês de vida (Tabela 1). Confirma-se, assim, que a maioria das crianças é amamentada nos primeiros dias de vida e, com o passar dos dias, há um abandono desta prática, ou introdução de outros líquidos ou alimentos, apontando o padrão de alta incidência e curta duração do aleitamento materno em Juiz de Fora, semelhante ao descrito para o Brasil (BRASIL, 2001).

CONCLUSÃO

As prevalências de Aleitamento Materno Exclusivo aos 4 e 6 meses de idade, respectivamente de 20,8% e 15,7%, e de aleitamento materno até um ano de 56%, verificadas no presente trabalho, são baixas e muito aquém do que recomenda a OMS. O hábito de utilizar chupeta e mamadeira, reconhecidos fatores influentes no desmame, é de grande ocorrência no município. Há necessidade de uma estratégia adequada para o fortalecimento da prática do aleitamento materno no município e combate aos hábitos desfavoráveis, visando retomar seu lugar tradicional como alimentação ideal para o recém-nascido e lactente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. A. G. **Amamentação: um híbrido natureza - cultura**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999. 119p.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pacto nacional para redução da mortalidade materno e neonatal. **Informe de Atenção Básica**. Brasília:Ministério da Saúde ano V, 22 maio-junho, 2004. Disponível em: < http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/psfinfo_22.pdf.> Acesso em 5 jun. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Anexo 1 da Portaria 2394 de 19 dez. 2003**. Disponível em : <www.saude.gov.br> Acesso em: 26 mar. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Prevalência do aleitamento materno nas capitais brasileiras e no distrito federal**. Brasília, 2001. 50p.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde Brasil 2004: uma análise da situação da saúde**. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Política de Saúde. Organização Pan americana de Saúde. **Guia alimentar para crianças menores de 2 anos**. Brasília, 2002. 152p. (Série A Normas e Manuais Técnicos; n.107).

CAMILO, D. F.;CARVALHO, R. V. B.; OLIVEIRA, E. F.; MOURA, E. C. Prevalência de amamentação em crianças menores de dois anos nos centros de saúde escola. **Revista de Nutrição**. Campinas, v.17, n. 1, p. 29-36, jan./mar, 2004.

COUTINHO, T. Adequação da assistência pré-natal entre as usuárias do SUS em Juiz de Fora, MG. 2002. Dissertação. (Mestrado em Medicina Social) - IMS - Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

DEAN, A. G. Epi Info. Version 6: A Word processing, database and statistics program for epidemiology on microcomputers. Atlanta, Geórgia, USA: Center for Disease Control, 1990. Disponível em: < www.cdc.gov.> Acesso em 06 fev. 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Censo Demográfico, 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 22 jan. 2003.

JUIZ DE FORA. Secretaria Municipal de Saúde. **Material informativo de consolidação dos dados da primeira e segunda fases da campanha de multivacinação** Juiz de Fora: SMS, 2001. (mimeo).

JUIZ DE FORA. Secretaria Municipal de Saúde. **Material informativo de consolidação dos dados da segunda fase da campanha de multivacinação.** Juiz de Fora: SMS, 2002. (mimeo)

JUIZ DE FORA. Secretaria Municipal de Saúde. Gerência de Promoção à Vida. Departamento de Epidemiologia. **Relatório SINASC 2002** Juiz de Fora: SMS, 2003. (mimeo).

KITOKO, P. M.; REA, M. F.; VENANCIO, S. I.; VASCONCELOS, A. C. C. P.; SANTOS, E. K. A. A.; MONTEIRO, C. A. Situação do aleitamento materno em duas capitais brasileiras: uma análise comparada. **Caderno de Saúde Pública**, São Paulo, v.16, n.4, p. 1111-1119, out./dez. 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; UNICEF; MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Manejo e promoção do aleitamento materno.** Curso 18 horas para equipes de maternidades. Brasília: Ministério da Saúde, 1993. 125p

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE; ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Evidência científica dos dez passos para o sucesso no aleitamento materno.** Brasília: OPAS, 2001.134p.

REA, M. F. A amamentação e o uso de leite humano: o que recomenda a Academia Americana de pediatria. **Jornal**

de Pediatria, Rio de Janeiro, v. 74, n. 3, p. 171-173, maio/jun. 1998.

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação mundial da infância.** New York,1996.16p.

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Situação mundial da infância.** Brasília, 1998a.131p.

UNICEF- Fundo das Nações Unidas para a Infância. **A infância brasileira nos anos 90.** Brasília, 1998b.170p.

VENÂNCIO, S. Y.; MONTEIRO, C. A. A tendência da prática de amamentação no Brasil nas décadas de 70 e 80. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v.1, n1, p. 40-49, abr. 1998.

VIEIRA, G. O. *et al.* Indicadores do aleitamento materno na cidade de Feira de Santana, Bahia. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 74, n 1, p.11-16, jan./fev., 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Division of Diarrhoeal and Acute Respiratory Disease Control. Indicators for assessing breastfeeding practices. Report of an Informal meeting. Geneve, 11-12 june 1991. 14 p.

Submissão: janeiro 2008

Aprovação: agosto de 2008
